



POR QUE ACREDITAMOS



NA



SORTE



AMMOSTRA

BARBARA BLATCHLEY



VII

**POR QUE
ACREDITAMOS
NA
SORTE**



Rio de Janeiro - 2025

Por que acreditamos na sorte

Copyright © 2025 Edições 70.

Edições 70 é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA).

Copyright © 2021 by Barbara Blatchley.

ISBN: 978-65-5427-338-1

Translated from original What are the Chances?. Copyright © 2021 do Copyright Barbara Blatchley. ISBN 9780231198684. This translation is published and sold by Columbia University Press, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Almedina Brasil Ltda, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

B644g
1.ed. Blatchley, Barbara.
Por que acreditamos na sorte / Barbara Blatchley ; tradução Roger Trimer. - 1.ed.
- Rio de Janeiro : Edições 70, 2025.

224 p. ; 15,7 x 23 cm.
ISBN 978-65-5427-338-1

1.Desenvolvimento pessoal.2.Psicologia social.3.Crenças e costumes.4. Comportamento supersticioso.I.Título.

CDD 158.1

Índice para catálogo sistemático:
1.158.1 - Autoajuda e desenvolvimento pessoal.

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Marco Pace

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Produtora Editorial: Andreza Moraes

Revisão: Merit Educacional

Diagramação: Merit Educacional

Capa: Alex Camlin


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouidoria: ouidoria@altabooks.com.br


abolir
ASSOCIAÇÃO DE EDITORES
DE PORTUGUÊS

Editora
afiliada à:


ASSOCIADO
ABEL
Associação Brasileira
de Editores
de Livros

ANMOSTRA

Para Christopher

AMOSTRA

SUMÁRIO

1 O que é sorte?	9
2 Uma breve história da sorte	27
3 Sorte e psicologia: sobre ser um animal social	49
4 Sorte e psicologia: pensamento mágico	75
5 Sorte e seu cérebro: parte I	103
6 Sorte e seu cérebro: parte II	129
7 Como ter sorte	153
8 O sorriso caro da fortuna	175
Notas	185
Bibliografia	207

AMOSTRA

1

O QUE É SORTE?

A sorte não é acaso—

É esforço—

O sorriso caro da Fortuna

É conquistado—

O Pai da Mina

É aquela Moeda antiquada

Que desprezamos—

EMILY DICKINSON, POEMA 1350

A SORTE E O ALTO-MAR

Este livro é sobre sorte. Todos sabemos o que sorte significa para nós, pessoalmente, mas — como dizem, “o luxo de uns é o lixo de outros” — isso pode depender apenas de sua perspectiva. O que é sorte para você pode ser completamente diferente para a pessoa a seu lado. Então, vamos começar com uma pergunta: o que é sorte exatamente? É simplesmente trabalho árduo, como sugere Emily Dickinson, ou é o acaso aleatório que surge para lhe dar um tapa na cara ou elevar você a uma nova faixa de imposto? Algo pode ser ao mesmo tempo boa e má sorte? Talvez uma história ilumine a resposta. Vamos dar uma olhada no que aconteceu com Sarah Kessans e Emily Kohl.

Em 2005, essas duas jovens participaram da Woodvale Events Transatlantic Rowing Race, anunciada como a corrida de remo mais difícil do mundo. A competição envolve remar um barco pelo Oceano Atlântico. Sarah Kessans concordou muito gentilmente em me conceder uma entrevista sobre suas aventuras no mar. Minha primeira pergunta para ela foi: “O que a levou a pensar em remar um barquinho de 24 pés pelo enorme Atlântico?” A resposta dela foi simples.

*Eu me apaixonei completamente pelo esporte do remo desde minhas primeiras remadas no rio Wabash durante meu primeiro ano na Purdue (...). Quando voltava de uma viagem a Londres, parei em uma livraria na Oxford Street para encontrar algo para ler no voo de volta. Peguei Rowing It Alone, de Debra Veal, e quase o terminei antes de pousar em Chicago. Fiquei viciada. O remo oceânico era tudo o que eu amava sobre remo, além de uma aventura absolutamente incrível (...) e, felizmente, havia alguém tão louca quanto eu [sua parceira de corrida, Emily Kohl] na equipe de remo da Purdue!*¹

A corrida começa nas Ilhas Canárias, na costa da África, e termina em Antígua, quase cinco mil quilômetros com um grande vazio de água no meio. Sarah e Emily esperavam quebrar o recorde mundial feminino de remo em “double” por uma grande porção do Oceano Atlântico.² Um “double” é um barco a remo pequeno, mas muito especializado. Há uma cabine minúscula, para uma pessoa de cada vez, na popa do barco, e um compartimento de armazenamento ainda menor na proa, duas posições de remo e nada mais. O barco é tão pequeno que os remadores têm que se revezar para deitar na cabine; uma pessoa rema enquanto a outra dorme, ou tenta dormir, no espaço estreito e apertado.

Sarah e Emily batizaram seu barco de cerca de sete metros de comprimento por dois de largura de *American Fire* e treinaram intensamente durante a primavera e o verão de 2005, em preparação para a corrida. Ambas haviam sido membros da equipe de remo da Universidade Purdue, então tinham muita experiência com remo de longa distância. Os Boilermakers da Universidade Purdue têm sua sede em West Lafayette, Indiana, cerca de

100 quilômetros a noroeste de Indianápolis. O campus é cercado por vastos oceanos de milho e soja, mas não há nada que se pareça com mar aberto.

Ambas as jovens sabiam que o treinamento no oceano era essencial, então, no verão de 2005, Emily e Sarah mudaram-se com seu barco para a Flórida para treinar na Intracoastal Waterway. Elas remaram de Fort Lauderdale a Miami e de volta, construindo sua resistência para os dias de 80 a 100 quilômetros de remo que planejavam registrar durante a corrida.

A corrida começou com o que poderia ser interpretado como um mau presságio — um sinal de que má sorte e circunstâncias difíceis estavam a caminho. A corrida estava programada para começar em 27 de novembro de 2005, aproveitando o que geralmente é o fim da temporada de furacões no Atlântico. Infelizmente, a temporada de 2005 foi a mais ativa da história registrada, catalogando tantas tempestades (incluindo o infame furacão Katrina, que devastou a Costa do Golfo) que os meteorologistas usaram todos os nomes da lista oficial e tiveram que usar nomes de letras gregas para as últimas seis tempestades da temporada.

Os competidores finalmente partiram da pequena La Gomera, nas Ilhas Canárias, em 30 de novembro e logo encontraram ventos incomumente fortes, mares muito agitados e condições de remo extremamente difíceis. O furacão Epsilon, uma tempestade estranha e tardia na temporada, estava agitando os mares e começou a se mover para Leste em 1º de dezembro de 2005.³ Muitos remadores tiveram que parar de remar completamente e lançar suas âncoras de arrasto (grandes sacos em forma de paraquedas usados para pegar água e manter o barco no lugar) para evitar que seus pequenos barcos a remo fossem empurrados para trás pelos ventos fortes. Quando puderam se mover novamente para Oeste, os remadores passaram pela borda sul da Tempestade Tropical Zeta e encontraram condições ainda mais difíceis.

Após um mês e meio de remo diário ininterrupto e batalha contra o mar, em 15 de janeiro as condições ficaram tão ruins que a tripulação do *American Fire* foi forçada mais uma vez a lançar sua âncora de arrasto e esperar. Parte do mecanismo de direção do barco havia se deslocado, e elas precisavam de águas mais calmas para recolocá-lo no lugar. O tempo horrível levou tanto Sarah quanto Emily para dentro da cabine, e o espaço pequeno

logo se tornou sufocante. Elas ligaram o sistema de ventilação, confiantes de que o design das aberturas impediria a entrada de água das grandes ondas que batiam no barco do lado de fora da cabine.

Por volta das 14h30, Sarah diz que elas haviam contatado o *Aurora*, o mais próximo dos dois navios de apoio para os competidores — apenas 500 quilômetros à frente do *American Fire* (o outro navio de apoio, o *Sula*, estava quase mil quilômetros atrás delas). Em uma breve conversa, elas informaram à tripulação sobre o mau tempo e a parada forçada. Naquele momento, o *Aurora* estava ocupado resgatando outro barco que havia virado algumas horas antes. Por volta das 16h30, Emily estava com o rádio na mão para chamar o *Aurora* novamente quando a pior coisa possível aconteceu — um vagalhão atingiu o lado de bombordo do barco (isso é o lado esquerdo para nós, animais terrestres), fazendo com que o barco virasse completamente. Agora estava entrando água na cabine através das aberturas de ventilação.

Elas estavam em apuros. A cabine estava enchendo de água, elas não conseguiam evitar, e o barco estava de cabeça para baixo no meio do Oceano Atlântico, no meio do inverno, em um tempo horrível. Sarah alcançou a escotilha a tempo de ver que a onda havia quebrado as linhas que seguravam a balsa salva-vidas delas. Ela viu a balsa salva-vidas desaparecer entre as ondas, e junto com ela seus equipamentos de sobrevivência. As duas mulheres lutaram para se livrar dos destroços encharcados de água que tornavam o movimento dentro da cabine quase impossível.

Emergindo da cabine, Emily e Sarah escalaram o barco virado, esperando contra toda esperança avistar a balsa salva-vidas por perto. Nada de sorte. Elas conseguiram prender-se juntas e amarrar-se ao barco. Tinham um saco de dormir que Sarah havia pegado ao sair da cabine e um sinalizador de indicação de posição de emergência (EPIRB), que Sarah também conseguiu pegar enquanto escapava da cabine que rapidamente se enchia de água. Elas se seguravam uma na outra, no EPIRB e no barco, e esperavam, mantendo o moral alto e as esperanças elevadas contando piadas e cantando músicas — qualquer coisa para manter suas mentes ocupadas e focadas em algo, qualquer coisa que não fosse sua situação desesperadora.⁴

Dezesseis horas depois, o veleiro *Stavros S. Niarchos*, navegando das

Ilhas Canárias para Antígua, surgiu à vista. O *Stavros* estava na vizinhança (estava a mais de 160 quilômetros de distância, mas quando você está no meio do Atlântico, à noite, amarrado ao fundo de seu barco muito pequeno, 160 quilômetros não são nada) e a Guarda Costeira dos Estados Unidos, que recebeu o sinal de emergência do EPIRB, pediu-lhe para tentar encontrar e resgatar as mulheres. Entrevistada em Antígua depois que o *Stavros* chegou ao porto, Sarah admitiu que ela e Emily tiveram muita sorte, e suponho que a maioria de nós concordaria.⁵ Virar no meio do oceano sem suprimentos, sem bote salva-vidas e apenas com a esperança de que alguém tenha ouvido seu sinal de emergência é o mais próximo de um pesadelo que se pode chegar. Sobreviver intacto é realmente uma questão de sorte. Sarah explicou o papel que a sorte desempenhou na corrida de 2005 da seguinte maneira:

Havia tantas variáveis que levaram o barco a virar, tanto boas quanto ruins, e eu diria que tanto a preparação quanto o acaso aleatório desempenharam papéis-chave no resultado final (...). Dito isso, é difícil se preparar para todas as condições possíveis que a natureza lhe pode apresentar — se soubéssemos que seríamos atingidas por um vagalhão, teríamos mantido as tampas internas do sistema de ventilação fechadas (o que teria mantido a água fora da cabine e poderia ter permitido que o barco se auto-endireitasse, como foi projetado para fazer). Se soubéssemos da violência dos vagalhões, teríamos encontrado uma maneira melhor de amarrar nossa balsa salva-vidas e a bolsa de emergência no convés. Se soubéssemos que a temporada de furacões se estenderia até meados de janeiro, a Woodvale poderia ter adiado ou cancelado a corrida. No entanto, apesar de toda a má sorte que tivemos lá fora, definitivamente tivemos alguma sorte — tínhamos uma à outra e um barco que permaneceu à tona, e, enquanto todas as outras tripulações foram resgatadas por iates de apoio ou cargueiros (lotados e não muito divertidos), tivemos a sorte de ser resgatadas por um navio a vela rumo ao Caribe.⁶

Após ler essa história notável, peguei-me pensando na sorte delas. Imagine as condições que elas enfrentaram. A Administração Atmosférica e Oceânica Nacional relata que ondas de até sete metros de altura são bastante comuns em uma tempestade no alto-mar e, em condições extremas, foram observadas ondas de 15 metros de altura.⁷ O barco a remo tinha apenas 24

pés de comprimento, o tamanho de uma onda não tão grande. Um vagalhão é anormalmente grande e parece uma parede de água. (Histórias populares falam de vagalhões com 30 metros de altura — a altura de um prédio de dez andares.) Essas ondas aparecem sem aviso prévio e movem-se contra a direção predominante das ondas. Foi realmente uma má sorte para o *American Fire* ser atingido por um desses monstros. Agravando sua má sorte estava o fato de que a balsa salva-vidas, carregando seus equipamentos de sobrevivência, flutuou para longe depois que o barco virou.

Pelo lado positivo, foi uma sorte elas terem conseguido pegar o sinalizador de emergência antes de saírem da cabine e, como Sarah destaca, uma sorte que seu barquinho tenha permanecido à tona, mesmo cheio de água. Foi sorte também que elas podiam contar uma com a outra e não estavam remando um “single”, sozinhas no oceano, quando aconteceu o desastre. Foi também uma sorte que elas conseguiram manter o ânimo uma da outra durante a longa noite de espera e mantiveram a esperança do resgate.

Outros aspectos de sua aventura não se encaixam tão facilmente na dicotomia de boa sorte versus má sorte. Foi sorte que o barco foi projetado para se endireitar no caso de virar, ou má sorte que as aberturas de ar estavam abertas, permitindo que a cabine se enchesse de água enquanto estava ancorado esperando o tempo melhorar? Foi sorte que ambas estavam na cabine ao mesmo tempo quando a onda atingiu, então ninguém foi arrastado para longe, ou má sorte que o peso adicional de ambas as tripulantes em uma cabine projetada para apenas uma pessoa teria impedido o auto-endireitamento mesmo que as aberturas estivessem fechadas? O mesmo evento pode ser ao mesmo tempo boa e má sorte? Afinal, o que é sorte?

Todos temos nossa própria definição de sorte e nossas próprias crenças sobre como a sorte funciona. Para os cientistas que a estudam, a sorte é uma categoria de causalidade usada para explicar o sucesso ou o fracasso quando o resultado não parece consequência de nossas próprias habilidades ou esforço. Quando avaliamos o que aconteceu, usamos todas as informações disponíveis na tentativa de entender o que causou aquele evento. Recorremos a nossas experiências anteriores (consultamos nossa memória),

baseamo-nos em informações sensoriais imediatas (o que nossos sistemas sensoriais nos dizem que está acontecendo) e consultamos nossos sonhos e desejos, nossas expectativas do que deveria acontecer e o curso que realmente queremos que os eventos tomem. Usamos todas essas informações em nosso impulso inato para determinar o que aconteceu e identificar a causa do evento.

Os eventos são frequentemente resultado de nosso próprio esforço (ou falta de esforço, conforme o caso), e sabemos lá no fundo que o que fizemos ou deixamos de fazer foi a causa raiz desses eventos. Quando o esforço parece não ter nenhum efeito, porém — quando um evento simplesmente acontece fora dos limites do nosso controle — dizemos que é sorte. O vagalhão que virou o *American Fire* era incontrolável e completamente independente das preparações que Emily e Sarah tinham feito. Na verdade, Sarah disse que tanto ela quanto Emily e a equipe de apoio em terra acreditavam que a equipe do *American Fire* estava o mais preparada possível, talvez até mais bem preparada do que algumas das outras equipes. Apesar de seus dois anos de trabalho árduo e treinamento, Sarah observou que “o oceano realmente não se importa com o quanto você está preparado”.⁸ Elas não tinham controle sobre alguns eventos e não poderiam ter ganhado controle sobre eles, não importa o quanto treinaram ou por quanto tempo. Aquele vagalhão foi apenas má sorte.

O QUE É SORTE?

O Oxford English Dictionary (OED) diz que a palavra sorte (*luck*) veio para o inglês a partir da palavra alemã *luk*, ou *gelucke*, que significa tanto “felicidade” quanto “sorte”.⁹ A palavra foi inicialmente usada por jogadores, mas acabou caindo no uso geral. O OED relaciona vários significados para “sorte”. Primeiro, a sorte é “a ocorrência fortuita de eventos, favoráveis ou desfavoráveis, para os interesses de uma pessoa”. Em segundo lugar, a sorte é “boa fortuna, sucesso, prosperidade ou vantagem que ocorre por acaso, em vez de como consequência de mérito ou esforço”. A palavra “fortuito” refere-se a algo que acontece acidentalmente, ou puramente por acaso. Portanto, a expressão em inglês “*a lucky accident*” (um acidente de sorte) é redundante

— a ideia de que o evento “de sorte” é “acidental” está em sua própria definição. Esse evento acidental pode funcionar a meu favor (caso em que é boa sorte para mim) ou contra mim (má sorte).

A segunda definição do OED expande a ideia de acaso — a sorte está fora de nosso controle, não está ligada a nosso esforço ou a se merecemos ou não. Eventos fortuitos são aleatórios; ocorrem por acaso, independentemente de termos nos preparado ou treinado para eles ou querermos que aconteçam. No entanto, quando pensamos sobre eventos aleatórios, a maioria de nós enfrenta problemas.

ALEATORIEDADE

Do ponto de vista científico, a aleatoriedade é, literalmente, imprevisível. Por exemplo, um matemático explicaria números aleatórios como uma sequência de números em que qualquer número é “igualmente provável de ser escolhido a seguir” e em que é “impossível prever” o próximo número com base nos números já escolhidos.¹⁰ As definições matemáticas de aleatoriedade dependem muito da ideia de que é o processo de seleção — não o resultado — que é aleatório. Um evento aleatório pode parecer exatamente como outro evento, mas esse resultado não é significativo desde que o processo de seleção tenha sido aleatório.

Nós humanos temos ideias muito distintas sobre como deve ser a aleatoriedade, e tendemos a olhar para o resultado em vez do processo. Essa tendência pode nos colocar em apuros. Suponha que eu tenha lançado uma moeda dez vezes e ela caiu em coroa três vezes e em cara sete vezes — há algo errado com a minha moeda? Muitas pessoas, ao verem esse resultado, presumiriam que minha moeda está viciada — caras estão aparecendo mais vezes do que deveriam se eu tivesse lançado uma moeda “justa”. O problema é que essa não é uma moeda viciada (juro por Deus, peguei uma moeda de meu cofrinho e a lancei dez vezes seguidas). Pelo acaso aleatório, minha moeda caiu mais vezes em cara do que em coroa.

Espere um minuto, você diz: as leis da probabilidade não dizem que tenho uma chance de 50:50 de sair cara em cada lançamento, e as mesmas